

RESENHA

COMO PENSAR MAIS SOBRE O SEXO

Humberto Ramos de Oliveira Junior*

DE BOTTON, Alain. *Como pensar mais sobre o sexo*. Tradução de Cristina Paixão Lopes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

É compreensível que se tenha algum tipo de receio de um livro que tenha logo no início do seu título a palavra “como”, sugerindo, talvez, que a leitura da obra oferecerá ao leitor estratégias para se alcançar determinados objetivos. Também é compreensível que tal título seja, *a priori*, visto como mais uma dessas obras de autoajuda que vendem como água nas bancas de jornais e livrarias de aeroporto. De fato, não seria tão injusto alocar o livro *Como pensar mais sobre o sexo* e alguns outros títulos do filósofo Alain De Botton entre as estantes de autoajuda, especialmente tendo em vista sua clara proposta de trabalho em algumas de suas mais importantes publicações.

Filósofo anglo-suíço, ateu e apaixonado por arquitetura, De Botton é fundador do instituto *School of Life*, que tem por objetivo explorar questões fundamentais da vida, oferecendo aulas, palestras e cursos com o fim de abordar – de modo acessível a qualquer um – temas complexos da filosofia, apresentando aplicações práticas ao cotidiano. Por isso, conforme já dito, talvez não seja totalmente inadequada a classificação de autoajuda, o que, por outro lado, também não representa nenhum desmerecimento de suas obras, já que não representam meros conselhos superficiais sobre a vida.

Na referida obra, De Botton aborda algumas questões corriqueiras, como erotismo, solidão, amor e sexo, não contribuindo tanto com novas ideias acerca desses temas; de modo que a leitura até aí, apesar de suave e rápida, não se mostra tão estimulante. Contudo, antes de chegar à

* Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Sul de Minas. Bolsista Capes.

metade de seu texto, ao abordar temas atuais como impotência, rejeição sexual, pornografia e tratando ainda – mesmo que de relance – das novas formas de relacionamento possíveis hoje na sociedade ocidental, sua escrita torna-se mais instigante e atraente.

Isso porque, embora não enfrente de modo sistemático a relação entre sexualidade e religião, o filósofo libera, de modo fragmentado, suas concepções a respeito do papel da religião diante do sexo. Alain de Botton distingue-se diametralmente de seus colegas ateus mais famosos. Não se trata de um ateu militante; ele não pretende propagar por meio de seus livros e palestras a “boa notícia” da libertação de Deus e da religião. Sua perspectiva é a de que se deve aproveitar o que há de melhor na religião e deixar de lado suas inadequações; de forma sucinta, pode-se dizer que o autor reconhece alguns benefícios advindos da religião, contudo, rejeita com veemência o dogmatismo característico especialmente das crenças monoteístas. Sua maneira de pensar a esse respeito pode ser conhecida por sua obra *Religião para ateus* (Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011).

No que diz respeito ao sexo, especificamente, De Botton entende que, antes de atacar e refutar absolutamente toda instrução da religião, é importante questionar o porquê de ela abordar a sexualidade de forma tão severa, a ponto de parecer temê-la, impondo, na maioria das vezes, diretrizes rígidas para a vivência nessa esfera da vida humana. Nas palavras do autor,

Somente as religiões ainda levam o sexo a sério, no sentido de apropriadamente acreditar em seu poder de nos afastar de nossas prioridades. Somente as religiões consideram o sexo potencialmente perigoso e algo do qual precisamos ser protegidos. (p. 109).

Não que ele endosse a austeridade e as incoerências relativas à sexualidade comumente percebidas nos meios religiosos, mas propõe que seja dada certa atenção ao que as tradições de fé têm a dizer sobre o assunto e quais suas orientações. Isso não significa aceitar restrições inadequadas e retrógradas, totalmente incompatíveis com a vida nos tempos de hoje, mas tentar absorver a sabedoria contida por trás desses ensinamentos. Segundo o filósofo,

Talvez apenas as pessoas que não foram arrebatadas pelo poder do sexo podem não censurar e permanecer liberalmente “modernas” em relação ao tema. As filosofias da liberação sexual atraem, principalmente, as pessoas que não têm nada demasiadamente destrutivo ou estranho que queiram fazer uma vez que tenham sido liberadas. No entanto, qualquer um que tenha experimentado o poder que o sexo, em geral, e a pornografia da internet, em particular, têm de redirecionar as prioridades provavelmente não seja tão tranquilo em relação à liberdade. Depois de passar horas no meio da noite assistindo obsessivamente a uma sucessão de pessoas se despirem e se penetrarem, elas talvez queiram impor as formas mais rígidas de censura; mesmo os mais liberais entre nós podem se encontrar clamando que uma enorme fogueira seja feita com todos os servidores, roteadores, torres de servidores e cabos do mundo para pôr fim a um sistema responsável por entregar uma dieta de veneno no lar e na mente de uma pessoa. (p. 108).

Pode-se perceber nessa fala que a preocupação central do filósofo a respeito do sexo é que, como tudo na vida, o exagero pode gerar a instabilidade emocional e mental, invertendo as prioridades básicas do ser humano e, por conseguinte, impossibilitando-o de desenvolver-se enquanto tal. Não se trata de assumir uma moralidade “puritana” e intransigente. Ao contrário, ao discutir, por exemplo, o problema da pornografia, ele até sugere o que convencionou chamar de “um novo tipo de pornografia”. Esse suposto novo tipo de pornografia teria a capacidade de mediar a contraditória necessidade humana de alcançar, ao mesmo tempo, erotismo e virtude, de modo que pudesse reafirmar, ao invés de contrapor, “nossos valores mais elevados” (p. 113).

Afirmando, curiosamente, ter encontrado tal possibilidade na esfera da arte cristã, ousa expor e exemplificar seu achado:

Em alguns momentos de sua história, a arte cristã compreendeu que o desejo sexual não tinha que ser, necessariamente, inimigo da bondade, e poderia até, se propriamente conduzido, emprestar energia e intensidade a ela. Em pinturas de Madona de Fra Filippo Lippi ou de Sandro Botticelli, Maria não está apenas lindamente vestida e colocada contra um fundo encantador; ela também é bonita; na verdade, em muitos casos, indiscutivelmente sexy. Embora isso geralmente não seja tema das históricas discussões sobre arte e dos

catálogos dos museus, a Mãe de Cristo pode ser, com frequência, sem dúvida excitante. (p. 114).

Em outras palavras, sua proposta de pornografia consiste em uma arte, especialmente no cinema, que forneça ao público consumidor roteiros criativos, cenas ao mesmo tempo agradáveis e prazerosas, distantes das que a indústria do cinema adulto hoje oferece ao mercado, nas quais o ato sexual constitui uma prática de degradação pelo desrespeito e exploração do outro (especialmente da mulher) e cujo consumo pode gerar, até mesmo nos mais desapegados a princípios religiosos, um forte sentimento de culpa logo após o orgasmo.

Além de tais propostas, talvez a mais oportuna e significativa contribuição do autor seja a compreensão de que o ser humano deve aceitar o sexo com toda a complexidade, contradições e instabilidades que possa gerar. Em suas próprias palavras:

Sem o sexo seríamos perigosamente invulneráveis. Poderíamos achar que não éramos ridículos. Não conheceríamos a rejeição e a humilhação de perto. Poderíamos envelhecer respeitavelmente, nos acostumaríamos aos privilégios e acharíamos que compreendíamos o que estava acontecendo. Poderíamos sumir apenas nos números e nas palavras. É o sexo que cria o estrago necessário nas hierarquias comuns de poder, status, dinheiro e inteligência. O professor se colocará de joelhos e implorará para ser açoitado pela trabalhadora rural sem estudos. O CEO perderá a razão diante da estagiária; já não importará que ele comande alguns bilhões de dólares e que ela alugue um quartinho no porão. Sua única prioridade será o prazer dela; por ela ele aprenderá os nomes das bandas que não conhece, entrará numa loja e comprará um vestido amarelo-limão que não caberá nela; será delicado onde antes era indiferente, reconhecerá suas idiotices e sua humanidade; e quando tudo estiver terminado, ele se sentará em seu carro alemão do lado de fora da imaculada casa de sua família e chorará incontrolavelmente. (p. 142).

De Botton entende que graças aos prazeres, as dores e desventuras do sexo é que se tem revelada a fraqueza humana e, ao mesmo tempo, o nivelamento entre todos/as da espécie. Essa mesma fraqueza torna possível “conhecer bem” as belezas da música e da poesia, das pinturas

eternizadas oriundas das mãos de seres angustiados por sofrimentos diversos causados pelas desventuras afetivo-sexuais. Graças ao sexo, não se pode esquecer o que de fato está “envolvido no viver uma vida humana encarnada, química e imensamente insana” (p. 142).

Não é possível dizer que se trata de uma obra libertária; tampouco há nela orientações sobre um novo itinerário a respeito do sexo e dos relacionamentos afetivos. Aliás, percebe-se a ausência, por exemplo, de uma abordagem, talvez, mais inclusiva, como possivelmente gostariam alguns. Não obstante, na obra tem-se uma conversa franca, realista, equilibrada (bem ao estilo britânico) e mesmo excitante – em alguns momentos – sobre essa temática que está sempre em voga e frequentemente passa pelos pensamentos de cada homem e mulher desse planeta.

Submetido em: 30-10-2012

Aceita em: 13-11-2012